



A Verdade

ANO LXVIII - Nº 544 - Maio / Junho de 2021

Revista Maçônica

Vanitas



Arte produzida com imagens de Freepik.

◆ Mensagem aos novos
Veneráveis Mestres ◆



Mais uma vez, a Glesp mostrou que está no caminho certo para chegar ao seu centenário renovada e preparada para os tempos atuais e para o porvir, mantendo toda a tradição e a essência que a Maçonaria nos oferece, mas também, aproveitando as benesses e facilidades que a modernidade e a tecnologia proporcionam.

Pelo segundo ano seguido, realizamos as eleições digitais e on-line para as diretorias das lojas, garantindo aos irmãos da jurisdição a oportunidade de exercerem o soberano e democrático direito ao voto, com segurança, comodidade e agilidade, graças ao trabalho e empenho do departamento de TI e demais setores envolvidos na implantação do novo sistema na Glesp.

As eleições do ano passado já obtiveram um excelente desempenho, porém, alguns ajustes precisavam ser realizados para aprimorar o processo. Em 2021, conseguimos melhorar ainda mais o sistema de votação, que ficou mais eficiente, apresentando apenas um pouco de lentidão na abertura da votação, devido à quantidade concentrada de acessos, mas que se normalizou ao longo do dia.

Mesmo diante da pandemia, que tem impossibilitado as reuniões das lojas e imposto uma série de adaptações e reestruturações em nossas atividades diárias, a Glesp segue trabalhando para se manter na vanguarda da Maçonaria no Hemisfério Sul e oferecer aos seus obreiros as condições necessárias para o desenvolvimento do aprendizado na Arte Real, tornando-se verdadeiros e efetivos Construtores Sociais.

Ainda no que diz respeito às eleições, as votações on-line do ano passado e deste ano serviram também como experiência e desenvolvimento para o pleito ao cargo de Grão-Mestre que se realizará em 2022. No decorrer dos próximos meses, o sistema de votação e de apoio às lojas será plenamente implantado, funcionando de maneira integral para reduzir ainda mais os custos com trâmites de documentos e agilizando todos os processos administrativos.

Esperamos que, até lá, a pandemia já esteja arrefecida, fazendo com que a vida de todos nós volte à normalidade. Assim, os candidatos ao posto de principal mandatário da Glesp poderão visitar as lojas da jurisdição, apresentar suas propostas e conhecer os irmãos e os anseios das oficinas.

Desde que sejam observados o respeito aos demais candidatos e a fraternidade que une todos os maçons, esse contato com as oficinas e irmãos é fundamental para o processo democrático, para as eleições e, principalmente, para manter a Glesp no rumo certo. Roguemos ao Grande Arquiteto do Universo para que essa oportunidade seja aproveitada apenas para o debate civilizado de ideias e projetos, não extrapolando para as ofensas pessoais nem para os ataques à honra e à moral de nenhum dos irmãos que se colocam à disposição para administrar a nossa querida instituição. Que a pandemia tenha servido, ao menos, para nos mostrar que a união e a empatia nos tornam mais fortes para superarmos toda e qualquer dificuldade.

Aproveitamos, também, para parabenizar a todos os Veneráveis Mestres eleitos ou reeleitos da jurisdição, desejando-lhes um profícuo trabalho frente às lojas e sucesso nessa empreitada.

Fraternalmente,



Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Ricardo Mário Gonçalves (L. 10)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)
Valdemar Sansão (L. 726)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTB: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





Vanitas

Se a vaidade é uma qualidade do que é vão e fundamenta-se na admiração alheia, sendo tal qualidade baseada no vazio, o que é de fato essa qualidade? Será o comportamento vaidoso uma necessidade absoluta de preencher tal vazio com uma ou mais qualidades que a própria pessoa admira e deseja, mas sente não as possuir?



4
Capa

A Cruz de Lorena

Mesmo que a cruz tenha um traçado muito simples, está, na realidade, carregada de densa complexidade. Buscar todos os sentidos que possui é como ingressar numa caverna obscura, cheia de caminhos tortuosos e emaranhados que se entrecruzam.



12

Mensagem aos novos Veneráveis Mestres

Pelas observações recolhidas ao longo de dois vernalatos, acabamos por entender alguns problemas que afetam a existência de uma loja maçônica e suscitamos alternativas de soluções, objetivando, assim, repassar nossa experiência para ser utilizada pelos novos Veneráveis Mestres.



18

A purificação do ser

Somos, invariavelmente, convidados a assistir e participar da grandeza do plano do Criador que equilibra tudo e está em tudo, por mais distante que nossa pequenina compreensão possa entender o que é distância. Somos parte de uma grande Unidade, e o nosso maior desafio é tomar consciência disso.



24

O poder da interpretação e o segredo maçônico

Somos diferentes, por isso somos indivíduos. Dificilmente encontramos dois indivíduos que enxerguem o mundo da mesma forma. Parecido, semelhante, pode até ser, mas igual... Esse fato é um indicativo das diferentes formas de pensar e de agir dos seres humanos.



28

O Tempo

A ideia de um tempo progressivo, sempre novo, e a ideia de que o tempo é cíclico, marcado pela transformação, são discutidas não somente na filosofia. Este é um assunto também recorrente na literatura.



30



34

Quid est veritas

Essa pergunta tem inquietado a humanidade há muito tempo. Para nós, do ocidente, o conceito de verdade chegou-nos através de três raízes etimológicas: *veritas*, do latim; *Aletheia*, do grego; e *Emunah*, do hebraico.



36

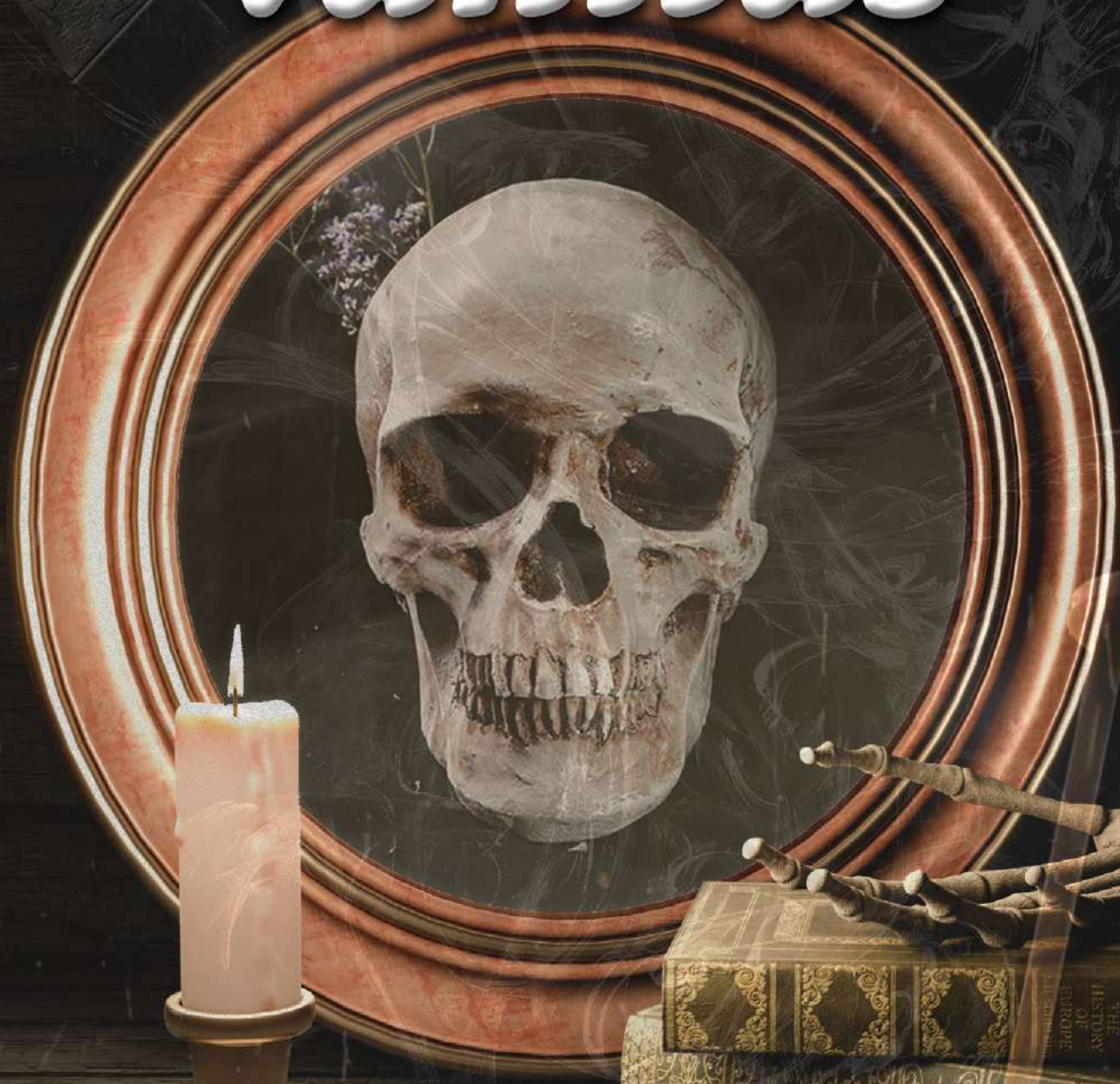
A trajetória de um verdadeiro maçom

Na verdade, o Aprendiz é todo o verdadeiro maçom que a cada instante defronta-se com um fato novo ou problema antigo em que deve ter a sabedoria para solucioná-lo, usando a lógica e a beleza, sem extrapolar na força.

Errata

Na Edição 543, de março/abril de 2021, o artigo "Reflexões sobre a pandemia", publicado na página 36, é de autoria do irmão Edson Nakamatu, obreiro da Loja Cinquentenário, 192 – Oriente de Santo André. Pedimos desculpas pelo erro.

Vanitas



Irmão Diego Abib Tavares
Loja Nivaldo Rodolpho, 743
Oriente de Marília

Arte produzida com
imagens de Freepik.

Somente quando estamos diante da transitoriedade da vida que damos valor ao tempo que nos resta.
(Tchilla Helena Panitz)

O Início

A luz se apaga, vejo somente a escuridão e regresso ao útero. Sou convidado a olhar para o meu interior, pois o caminho que desejo encontrar está dentro de mim e somente a reflexão me direcionará até ele. Sinto que me foram retirados todos os metais que possuía para que eu perceba que aqui somos todos iguais e que a materialidade não distingue ninguém.

As escadas parecem me levar para um lugar solitário debaixo da Terra, e o V.I.T.R.I.O.L. estampado na parede me confirma que preciso descer às profundezas do ser para que eu encontre a pedra filosofal que constitui o segredo dos sábios. Os símbolos que vejo me fazem refletir sobre a instabilidade da vida humana, lição trivial sempre ensinada e sempre desprezada.

Conforme caminho, ouço ruídos no ar, trovões, e sinto os obstáculos que a vida me revela, é a ignorância incapaz de dirigir seus esforços sem um guia. É como os mundos no seu caminhar incessante através do éter, girando com velocidade vertiginosa como um pássaro que fende o ar com suas asas. Vejo a expressão de minha cegueira e da necessidade que tenho de que alguém me conduza, até que eu transforme a materialidade dos sentimentos profanos em puros sentimentos maçônicos, evoluindo para um ser espiritual e não mais material. Assim, não precisarei mais de um guia.

Conforme aceito persistir, sinto a água em que minhas mãos são purificadas para que, cegas pela materialidade e pelas ilusões mundanas, jamais pratiquem ações desonestas. Ouço o tinir de espadas e o entrecocar dessas armas brancas em combate, representando o perigo que encontrarei para sair vitorioso, onde sou guiado e amparado pela manifestação da solidariedade humana, enquanto minha coragem é submetida a provas.

Conforme se aproxima o calor do fogo, sinto que todas as imperfeições, as impurezas e as nódoas do vício do mundo inferior são purificadas para que nada mais me reste. E no momento mais solene da sessão, quando a luz que tanto procurava me é concedida, ouço nitidamente uma vós que me diz *Sic Transit Gloria Mundi* (As Glórias do Mundo são Transitórias).

Assim, tudo é efêmero, passageiro e tudo que me aviltava enquanto profano deverá ser desvestido, inclusive a vaidade, e que todas as virtudes que me faltam deverão ser incorporadas, principalmente a humildade.

Uma vez iniciado, estarei sempre vigilante da minha própria consciência.

A Vaidade

A palavra vaidade tem sua origem do latim *vanitas, vanitatis*, cujo significado é “vacuidade; inutilidade; futilidade; uma qualidade do que é vazio, vazio, firmado sobre aparência ilusória; o que é próprio do vácuo”, ou seja: o vazio absoluto!

Se a vaidade é uma qualidade do que é vazio e fundamenta-se na admiração alheia, sendo tal qualidade baseada no vazio, o que é de fato essa qualidade? Será o comportamento vaidoso uma necessidade absoluta de preencher tal vazio com uma ou mais qualidades que a própria pessoa admira e deseja, mas sente não as possuir?

Nas palavras do historiador holandês Johan Huizinga, “se alguém quisesse escrever uma história da vaidade, dominaria metade da natureza das civilizações”. Já para o escritor irlandês Jonathan Swift, “a

vaidade é o prato dos parvos, mas os sábios também condescendem em comer dele muitas vezes”.

Na mitologia grega, Narciso, o autoadmirador, era um jovem de uma beleza incrível. No seu nascimento, o oráculo revelou que o menino teria uma vida longa, desde que nunca olhasse para seu próprio rosto.

Narciso despertava paixões, porém, só havia uma coisa equivalente à sua beleza: sua arrogância. Mesmo cercado de pretendentes, não encontrava ninguém que considerasse digno de seu amor. Foi justamente esse desprezo pelos demais que acabou gerando uma maldição: a de que, um dia, ele amasse com muita intensidade sem poder ter para si a pessoa amada.

Certa vez, ao inclinar-se sobre uma fonte para beber água, Narciso acabou vendo seu reflexo e ficou extremamente encantado pelo que via, sem saber que era a sua própria imagem refletida, tentou apinhá-la, caindo na água e morrendo afogado.

Narciso foi incapaz de enxergar verdadeiramente as pessoas, pois estava preso ao mundo das aparências, ou seja, a um mundo transitório.

O mito de Narciso nos revela que devemos olhar e enxergar além das aparências, conhecer realmente os outros e a nós mesmos, afinal, Narciso foi incapaz de perceber que estava se apaixonando pela própria imagem!

Assim, devemos enxergar além do transitório, evoluir em busca do autoconhecimento, conhecer nossas potencialidades e compartilhá-las com os outros. Devemos eliminar a vaidade que nos leva a pensar que estaríamos dividindo nossas potencialidades, quando, na verdade, estamos somando nossos talentos com os demais.

Na tradição judaico-cristã, o pecado do orgulho é atribuído à história de Lúcifer, o arcanjo portador da luz. Expondo o risco da beleza, provavelmente sua ideia primordial foi falar do “Eu” em detrimento do “Nós”, e ao olhar-se no espelho, o mais belo dos arcanjos se achou

mais que os demais: se achou único, a ponto de ter dito “Eu”, e ao dizer “Eu”, ele quebra o ritmo da criação, pois, assim como todos os seres, tinha sido concebido como “Nós”. E Lúcifer, ao se tornar “Eu”, se tornou tão pesado que “caiu”. E, então, ele diz a frase que nos seduz até hoje: “Eu prefiro ser Senhor no Inferno a escravo no céu!”

É a fundação de uma vaidade universal, todos os outros pecados, como a desobediência de Adão e Eva e o homicídio cometido por Caim, são posteriores a esse pecado inicial. O pecado em que “Eu” me considerei superior e tomei a minha própria iniciativa.

Em Eclesiastes, vemos que não importa quanta experiência eu tenha, ela é insuficiente. Assim, não há viagem que seja única e definitiva, não há prazeres, bens e riquezas que nos satisfaçam. É preciso mais. Como tudo é transitório, passada a sensação de prazer, vem a necessidade novamente. Uma busca incessante por algo que jamais nos preencherá. Ilusão! É a vaidade, o vazio absoluto.

Vanitas

A frase bíblica atribuída ao Rei Salomão, “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Eclesiastes 1:2; 12:8), significa o caráter transitório e, em certo aspecto, inútil e vão das realizações humanas nessa terra. A frase foi dita após o rei observar todas as obras

dos homens debaixo do sol. Assim, ele percebeu que tudo era vaidade, e os esforços dos homens eram tão vão quanto correr atrás do vento, pois Deus tudo governa com seu plano eterno.

Dessa forma, Rei Salomão nos leva a compreensão de que a atividade humana é efêmera, isto é, tão transitória quanto a neblina; fútil, no contexto da condição amaldiçoada do universo por causa do pecado; e incompreensível, no que diz respeito às questões inexplicáveis da vida. Na arte neerlandesa do século 17, surgiu um gênero de pintura denominado Vanitas, que é um estilo de obra de arte simbólica que retrata esse ensinamento, pois mostra a transitoriedade da vida, a futilidade do prazer e a certeza da morte. Esse estilo influenciou esteticamente a Maçonaria e, especialmente, o Rito Escocês Antigo e Aceito.

A estética Vanitas é encontrada em diversas passagens e graus, assim como na Câmara das Reflexões. A obra de arte a seguir, denominada “Autorretrato com símbolos de Vanitas”, do artista holandês David Bailly (1584-1657), leva-nos a uma reflexão profunda sobre a vaidade.

Aos 67 anos, o artista se retratou jovem segurando seu autorretrato. Ele nos lembra da vaidade da juventude e da imaturidade que o jovem tem ao lidar com ela. Sobre a mesa, num pedaço de papel, está a frase do



David Bailly (1584-1657), *Autorretrato com símbolos de Vanitas*, óleo s/madeira de carvalho.

Rei Salomão e muitos símbolos que representam esse grande ensinamento.

As moedas de ouro e prata, assim como objetos preciosos, simbolizam a fortuna, a ostentação, a riqueza e o dinheiro, dessa forma, representam a *Vanitas*. São bens efêmeros: por mais que os possuamos, nunca serão suficientes e não poderão ser levados

a lugar algum.

As taças de vinho, presentes desde a antiguidade nos momentos de festa e abundância, na imagem estão tombadas, representando aquilo em que as coisas se tornam e que tudo está destinado ao declínio.

Os instrumentos musicais nos fazem refletir que em determinado momento estão animando

uma festa e, em outro, não passam de objetos inanimados no canto de um cômodo.

Os livros também estão presentes para lembrar-nos que por mais que se tenha muito conhecimento e inteligência agora, isso pode ser efêmero, pois pode ser que a velhice consuma essa consciência levando embora a memória e a razão.

As artes – representadas pelos quadros, esculturas e bustos – ilustram a tentativa de eternizar momentos e prazeres mundanos e também são vãs: pois nada é poupado pelo tempo.

As flores agradam e dão prazer aos nossos olhos, também através delas é possível perceber como a beleza se esvai em tão pouco tempo. O maravilhoso perfume, em breve, lembra a morte e seu domínio, já que o viço se esvai de forma fugaz. A efemeridade da vida que mal se mostra exuberante de beleza, de cor, de excelência de aroma, logo murcha e termina. Em Salmos 103:15, a Bíblia diz: “A vida do homem é semelhante à relva, ela floresce como a flor do campo. Roça-lhe um vento, e já não existe mais”.

A vela acesa é a Luz Divina que ilumina e dá a vida, no entanto, quando está apagada, é sinal de morte. Assim como Deus dá a vida, Ele pode tirá-la com seu sopro divino: desse modo, o mesmo sopro que nos faz respirar é aquele que nos faz inertes. Basta o vento para apagá-la, mesmo que ela tenha sido luz, mesmo que sejamos filhos da luz, esta tem de regressar de onde veio.

As bolhas de sabão, que por sua própria natureza são frágeis e fugazes, representam também a vida: estouram subitamente sem deixar vestígio algum. Assim como nós, elas são delimitações transitórias de um pouco de ar.

A ampulheta e o relógio de bolso evocam a velocidade fágica do tempo e, assim como gretas nas quinas e nas paredes, dão consciência da degradação da matéria e da vida, representadas pela perda do viço e pelo enrugamento do rosto. Contudo, não representam a morte em si: elas mostram que, apesar de o fim estar próximo, é possível, ainda, ter uma chance, respirar um pouco e desejar não só o abandono da vaidade, como também, a busca das nossas virtudes.

A caveira é o resultado visível da ação da efemeridade da vida e do triunfo da morte. Ela nos lembra da transitoriedade da aparência física e, trazendo a ampulheta, mostra-nos que o tempo é curto e que a morte chegará em breve.

Enfim

Como disse Aristóteles, “a virtude é a equidistância entre dois vícios: um por excesso, outro por falta. Ela nos alerta sobre a necessidade de sermos prudentes e buscarmos o equilíbrio, o justo meio, onde se situa o respeito próprio como síntese da perfeição de nossas atitudes e comportamentos”.

Na Antiga Roma, sempre que um general retornava da guerra vitorioso após uma conquista,

acontecia um ritual: ele era carregado pelas ruas em uma carruagem, enquanto o povo gritava o seu nome e comemorava, porém, nessa carruagem, atrás do general, permanecia uma pessoa segurando sobre sua cabeça uma coroa de louros e sussurrando o tempo todo em seu ouvido: *memento mori, memento mori*, ou seja, “lembre-se da morte, tudo é transitório, esse momento também passará”.

Os romanos antigos acreditavam que a vaidade era a raiz de vários males que cegavam e impediam as pessoas de progredirem, e que com ela vinham o orgulho e a soberba. Uma combinação que sempre trazia o mesmo resultado: o fracasso.

Estamos aqui só de passagem, até que “o pó volte à terra, como o era, e o espírito volta a Deus, que o deu”, como diz em Eclesiastes 12:7. Assim, devemos sempre aproveitar a vida o máximo possível, viver cada dia como se fosse o último, vangloriar-se das vitórias, ter orgulho e nunca permitir que o poder, a vaidade ou o ego tomem conta de nós. Ninguém é melhor do que ninguém, e a morte abraça igualmente a todos. Não estamos em uma corrida, muito menos em uma competição, não há vencedores, nem mesmo perdedores, estamos todos no mesmo caminho, estamos aqui para evoluirmos juntos; caminemos lado a lado, os obstáculos são enormes, só venceremos somando nossas potencialidades. É o que importa, e, de resto, tudo é vaidade.

Aqueles que se deixam contaminar pela vaidade e pelo sonho passageiro de poder, seja na vida profana ou em nossa Sublime Ordem, infelizmente não entenderam a beleza e a profundidade dos nossos ensinamentos.

Trilha Sonora

Vanitas Vanitatum, do norte americano Dan Forrest (1978), é uma belíssima obra composta em 2013 e interpretada por Bel Canto Company. O coro cita Eclesiastes “*Vanitas vanitatum et omnia Vanitas*”, que vai com certa fúria se expandindo e retratando dramaticamente as incertezas e as constantes lutas do homem. A composição é definida por dramáticas e surpreendentes mudanças rítmicas e representa a transitoriedade de tudo que é vivo. É possível assisti-la no YouTube (www.youtube.com/watch?v=d4f8pRYMqyM). ◆

Bibliografia

- BRANDÃO, Jack. *Autorretrato de David Bailly: quando as imagens extrapolam a Vanitas*. in Revista Letras Raras, Vol. 5, Ano 5, Nº 2 – 2016.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- ZOCCOLI, Hiran L. *A iniciação maçônica*. 5ª Edição, 1993.
- Ritual do Grau de Aprendiz da Glesp.
- Bíblia Sagrada: Edição Pastoral, São Paulo, Paulinas, 1990.



A Cruz de Lorena

Irmão André Muniz Marinho da Rocha

Loja União do Vale, 214 – Oriente de São José dos Campos

“Nela se juntam o céu e a terra... Nela se confundem o tempo e o espaço... Ela é o cordão umbilical, jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original. De todos os símbolos, ela é o mais universal, o mais totalizante. Ela é o símbolo do intermediário, do mediador, daquele que é por natureza, reunião permanente do universo e comunicação terra-céu, de cima para baixo e de baixo para cima.”

(CHAMPEAUX, G. Introduction au Monde des Symboles, Paris, 1966)

A cruz é um símbolo universal, um dos mais antigos que se tem conhecimento. Ninguém sabe com certeza a origem da cruz. É encontrada em monumentos do Antigo Egito, que chegaram até os tempos atuais com uma antiguidade de mais de 4.000 anos. Entretanto, parece que sua forma mais antiga, a cruz em movimento (swástica hallada) foi encontrada na Índia. Seu significado é “boa sorte”. A cruz para os egípcios era chamada de *ankh*, considerada uma “chave mágica que abria a fronteira da imortalidade”.

Pode-se encontrar cruzeiros em culturas tão distintas como a fenícia, a persa, a etrusca, a grega, a escandinava, a celta, a africana, a australiana, a chinesa, a tibetana, a asteca, a maia e a inca, entre outras. Mesmo que a cruz tenha um traçado muito simples, está, na realidade, carregada de densa complexidade. Buscar todos os sentidos que possui é como ingressar numa caverna obscura, cheia de caminhos tortuosos e emaranhados, que se entrecruzam. Seu significado flutua em três níveis: místico, filosófico e sociológico.

Pitágoras dizia que Deus falava através de números e chamou essa linguagem de Matemática Sagrada, ou Ciência dos Princípios. Ao símbolo da cruz relacionou o número 4, que representa a ordem do mundo, as quatro bases que formam o equilíbrio da criação. O número 4 tem sua origem no 2 e, por isso, a cruz também se identificou com os pares opostos de conceitos: humano-divino, espaço-tempo, liberdade-disciplina, e, portanto, duas forças em permanente conflito e complementariedade. Também é associado à cruz o significado de centro para onde tudo converge, a Árvore da Vida.

Cruz de Lorena

A Cruz de Lorena, do francês *Croix de Lorraine*, é originalmente uma cruz heráldica, chamada de cruz

arquiiepiscopal ou cruz patriarcal, e figura nos brasões, bem como na antiga iconografia dos arcebispos para assinalar essa função. Sua configuração representa a cruz cristã com a tabuleta em que aparece escrito o título que Pôncio Pilatos teria mandado colocar sobre o Cristo: *Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, ou *Jesus de Nazaré Rei dos Judeus* (INRI).

A Cruz de Lorena, de duas barras, consiste em uma linha vertical cruzada por duas linhas horizontais menores. Na versão mais antiga, ambas as barras possuíam o mesmo tamanho.

Na história, essa cruz foi usada pelo Duque de Lorena, Godofredo de Bulhões (1058-1100 d.C.), em 1087, na Primeira Cruzada para Jerusalém. Godofredo era descendente de Carlos Magno (742-814 d.C.) e filho do conde Eustácio II (1015-1087 d.C.) de Bolonha com a Santa Ida de Lorena, filha de Godofredo - o Barbudo, duque da Baixa Lorena e conde de Verdun. Os seus irmãos foram Eustácio III de Bolonha e Balduino I de Jerusalém.

O Ducado da Lorena (do francês, *Duché de Lorraine*; em alemão, *Herzogtum Lothringen*) foi um Estado independente entre 977 e 1739. O ducado, bem como a região atual da Lorena a que correspondia, foi o foco de uma luta de séculos entre o Sacro Império Romano-Germânico e o Reino da França, e depois entre a Alemanha e a França, mudando de mãos diversas vezes, a última vez no fim da Segunda Guerra Mundial.

A Cruz de Anjou

Em 1054 d.C., diferenças teológicas e litúrgicas acentuaram ainda mais a dicotomia entre as duas igrejas, especialmente após a conquista normanda do sul da Itália, dominada pelas populações de língua grega ligadas à Igreja Oriental. Nesse momento, os papas estão tentando catequizar as populações gregas da Grande Grécia, o que levou aos eventos



de 1054, quando o cisma ocorreu entre as igrejas de Roma e Constantinopla. Após o grande cisma de 1054, o Patriarcado Ecumênico emergiu como o centro mundial da Igreja Ortodoxa, e seu antecessor foi reconhecido pelos líderes ortodoxos como “o primeiro entre iguais”.

As relações entre o Ocidente latino e Bizâncio estavam piorando, não apenas em questões eclesiásticas, mas também políticas. Essa hostilidade levou à primeira queda de Constantinopla em 1204 pelos cruzados. A sede do Patriarcado foi temporariamente transferida para Niceia, na Bitínia, enquanto um Patriarcado Latino foi estabelecido em Constantinopla.

Hostilidades de todos os tipos, guerras, crimes, violências, escândalos e heresias surgiram em consequência da vitória do Papa Gregório IX (1227 a 1241), que lutou pela Igreja contra os abusos do Estado, que se apoderava de seus bens e relíquias.

Destarte em 1241, com a morte do Papa Gregório IX, o bispo Thomas de Hiérapétra e de Arcádia, em Creta, na Grécia, visando à proteção dos bens da Igreja, doou uma relíquia da Verdadeira Cruz de Cristo, que teria pertencido anteriormente ao Imperador Manuel I Comnène (1118-1180 d. C.) e, posteriormente, a Gervais, o Segundo Patriarca Latino de Constantinopla (1215-1219 d. C.). Foi doada, portanto, para Jehan II d’Alluye (1180-1248 d. C.), Cavaleiro Francês de Touraine, que retornava ao seu país, de volta da Terra Santa. Jehan II d’Alluye entregou-a, por sua vez, para a Abadia da Ordem de Cister, *La Boissière Abbey*, em Anjou, na França.

Ressalta-se que a ordem Ordem de Cister (1119) exerceu grande influência no plano intelectual e econômico, assim como no campo das artes e da espiritualidade, devendo seu considerável desenvolvimento a Bernardo de Claraval (1090-1153), homem de excepcional carisma, que participou do Concílio de Troyes, onde foi delineada a regra monástica que guiaria os Cavaleiros Templários.

A relíquia era feita de uma madeira dura compos-

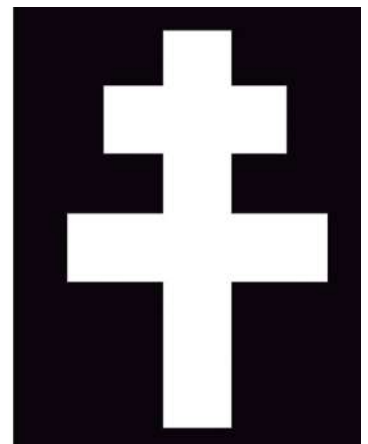
ta de três ramos: um vertical com 28 cm, e dois atravessados, um com 8 cm e o outro com 11 cm, com o formato da Cruz de Lorena.

Em 1357, tal relíquia foi colocada sob a proteção dos Jacobinos de Angers e, durante a Guerra dos Cem Anos, em 1379, guardada em segurança no *Château d’Angers* (Castelo de Angers) por Luis I de Anjou, que criou, nessa ocasião, uma ordem de cavalaria, a *Ordre de la Croix* ou Ordem da Cruz, por volta de 1370. No Castelo de Angers, existe a Galeria do Apocalipse, com obras de arte especiais. Entre tais, tem-se a tapeçaria que ilustra o último livro da Bíblia, escrito por João no final do século I. O ciclo foi encomendado em 1375 por Luís I, Duque de Anjou, e provavelmente terminado em 1382. A obra impressiona pelo seu extraordinário tamanho: é constituída por 70 cenas conservadas até hoje, que se revelam ao longo de cerca de 100 metros de comprimento com 4,50 metros de altura. Em tal tapeçaria está uma bandeira com uma cruz de barra dupla, em sinal de devoção do duque pela relíquia da Verdadeira Cruz em Anjou.

A Cruz de Anjou foi reconhecida como Cruz de Lorena apenas no século 15, graças a René I de Anjou – o Bom, Duque de Lorena de 1431 a 1453, que a difundiu pelos seus estados. Seu neto, René II, Duque de Lorena de 1473 a 1508, utilizou-a para atestar ser herdeiro direto de Godofredo de Bulhões e, portanto, do Reino de Jerusalém, e para justificar suas pretensões sobre o Reino da Hungria, como herdeiro da Rainha Joana II.



Cruz de Anjou



Cruz da Hungria

René II escolheu como divisa para seu selo real: *Rinatus Dei Gratia Hungria Ierusalem et Siciliae Rex* (René pela graça de Deus, rei de Hungria, de Jerusalém e da Sicília).

Na Batalha de Nancy, René II de Anjou ordenou que suas tropas utilizassem a Cruz da Hungria para se diferenciarem do exército borgonhês, que ostentava a Cruz de Santo André.

Ao fim da Guerra dos Cem Anos, em 1456, a relíquia retornou para a *Abadia de La Boissière*. Em 1790, foi transferida para o Hospício dos Incuráveis, de *Baugé, Maine-et-Loire* e escapou miraculosamente das destruições revolucionárias, local onde se encontra atualmente.

Hoje essa cruz aparece nas armas da Hungria, da Eslováquia e na bandeira eslovaca, bem como nas armas da Lituânia, no escudo do cavaleiro.

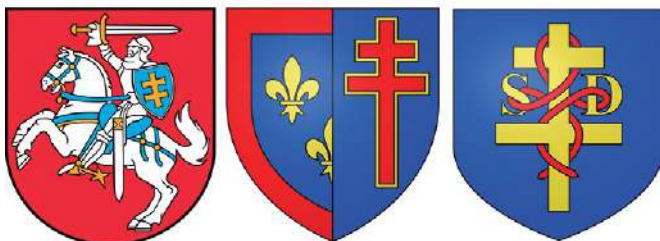
Armas e Brasões



Armas dos primeiros reis da Hungria

Brasão de armas de Luís I, Rei da Hungria

Armas da Eslováquia



Armas da Lituânia

Brasão de armas de Maine-et-Loire

Brasão de armas de Saint-Dié-des-Vosges

Dessa forma, a Cruz de Anjou simbolizava que os duques de Lorena eram duplamente cristãos, pois:

- Eram príncipes de um Estado cristão e como os conquistadores de Jerusalém;
- Era uma representação cristã de uma cruz comum de suplício com a tabuleta de inscrição, escolhida como símbolo da Paixão de Cristo;
- Era uma afirmação do poder dos Patriarcas do Oriente nos tempos de perseguições e da resistência

da fé contra todos os ataques;

- Era um símbolo das Cruzadas e da Cavalaria e, portanto, sempre da resistência e da honra da fé;
- Era um símbolo dos direitos dos duques de Lorena sobre seus diversos estados e de suas pretensões sobre os reinados de Jerusalém e da Hungria; e
- Era um símbolo da resistência da Lorena e do direito de permanência dos seus habitantes em sua terra, contra todos os seus inimigos.

Variações e formas

A Cruz de Lorena também é conhecida como Cruz de Caravaca e Cruz de Borgonha, uma relíquia cristã de origem espanhola. Segundo a tradição, apareceu por milagre na cidade de Caravaca de la Cruz, Espanha, em 3 de Maio de 1232, e, por conter fragmentos do lenho da cruz de Cristo, eram-lhe atribuídos muitos milagres.

De acordo com a lenda, à época da reconquista cristã da Península Ibérica, a região era governada pelo sultão Abu Zeyt, e na cidade de Caravaca de la Cruz havia prisioneiros, sendo um deles o sacerdote Gines Perez Chirinos, de Cuenga.

Manifestando Abu Zeyt curiosidade sobre as práticas católicas, decidiu presenciar uma missa, ordenando que o sacerdote cativo lhe celebrasse uma. No dia marcado, o governante reuniu toda a sua família e corte para presenciar a cerimônia, dando ordens para que fosse dado ao sacerdote tudo o que ele necessitasse para o culto. À última hora, o sacerdote lembrou-se de ter esquecido a cruz. Com temor e com vergonha, antecipando a punição por sua falha, viu surgir, do nada, na janela acima de si, dois anjos carregando uma cruz de dois braços, toda de ouro com pedraria. Nesse momento, o sultão e todos os muçulmanos presentes, impressionados, converteram-se ao catolicismo.

Desde então, atribuíram-se vários milagres à cruz, que foi adotada por outros santos da Igreja Católica. A sua devoção chegou ao Brasil com Martim Afonso de Sousa, acredita-se que com os primeiros jesuítas, que também a difundiram nas Missões. Nestas,



destaca-se São Miguel, onde existe uma cruz feita pelos indígenas, conhecida no Rio Grande do Sul como Cruz Missioneira.

Outros usos na história

Em Jerusalém, foram identificados os primeiros vestígios da cruz dupla desde o século IV, representada nas relíquias da Cruz Verdadeira utilizada na Paixão de Cristo, reencontrada por Santa Helena sobre o Monte das Oliveiras. Tal representação foi adotada pois seria o símbolo do poder dos Patriarcas de Jerusalém, guardiões da Cruz Verdadeira.

A cruz dupla foi colocada sobre todos os túmulos dos Patriarcas, de Bizâncio até o Monte Athos, na Ática, Grécia, onde a partir dessa região difundiu-se para a Rússia, onde foi chamada de Cruz Russa, e na Hungria, onde se tornou Cruz da Hungria, passando a ser um emblema da realeza. Destaca-se que a Cruz Russa possui a barra transversal menor inclinada, na sua parte inferior.

A cruz dupla chegou ao Ocidente pelo comércio de relíquias, à época dos merovíngios. No século VI, o Imperador de Bizâncio, Justino II, ofereceu uma relíquia à Santa Radegonde. Chegando a Tours, na França, dentro de um magnífico relicário esmaltado, essa relíquia foi festejada com euforia por uma multidão entusiástica ao som do hino *Vexila Regis prodeunt*, composto especialmente pelo poeta Fortunat, e está, atualmente, guardada na Igreja da Santa Cruz de Poitiers.

Existem relicários semelhantes, cada qual mais ricamente adornado que os outros, em muitas partes da Europa e, naturalmente, na França, em Ey-moutiers na Haute-Vienne. Também conhecida como Cruz de Santo Elói ou de São Luís da Santa Capela, esse símbolo está relacionado às Cruzadas e, até mesmo, atribuem-lhe poderes mágicos. Sua forma serviu de modelo para a planificação de belas igrejas e catedrais, como na Inglaterra (em Lincoln, Rochester ou Worcester) e na França, como é o caso das igrejas da Abadia de Cluny, de Saint-Benoît, em Loire, e Saint-Quentin.

A cruz dupla foi encontrada, também, nas moe-

das e nas insígnias dos cruzados, iniciando com os Templários, desde que estes foram constituídos como Ordem pelo Patriarca de Jerusalém, Guarimond, em 1119. Deu-se o mesmo com a Ordem dos Hospitaleiros do Espírito Santo ou de Saint-Géréon, na Palestina e, posteriormente, com a Ordem da Cruz, em Anjou.

O simbolismo cristão da Cruz de Lorena

O símbolo da cruz, uma trave vertical com uma transversal, representa a Paixão de Cristo e o instrumento de tortura sobre o qual Jesus foi crucificado. Era costume dos romanos escrever em uma prancheta chamada *titulus crucis* e colocá-la sobre a cabeça do crucificado com o seu nome e o motivo de sua condenação. Assim, foi colocada sobre a cabeça de Jesus a prancheta com a inscrição I.N.R.I.

Essa prancheta nominativa teria se desenvolvido na segunda travessa horizontal da cruz dupla, pois os romanos costumavam repetir a inscrição em latim, grego e hebraico nos títulos, o que torna o texto longo o suficiente para justificar a utilização de um pedaço de madeira com um bom tamanho.

Os historiadores se esforçam para comprovar como verdadeira a relíquia de Santa Helena mantida na Basílica Santa Cruz, em Roma. Encontrada por acaso em 1º de fevereiro de 1492, dentro de uma caixa de chumbo escondida em um nicho da igreja, a relíquia seria um grande pedaço da tabuleta da Verdadeira Cruz descoberta no Calvário, em 326, por Santa Helena.

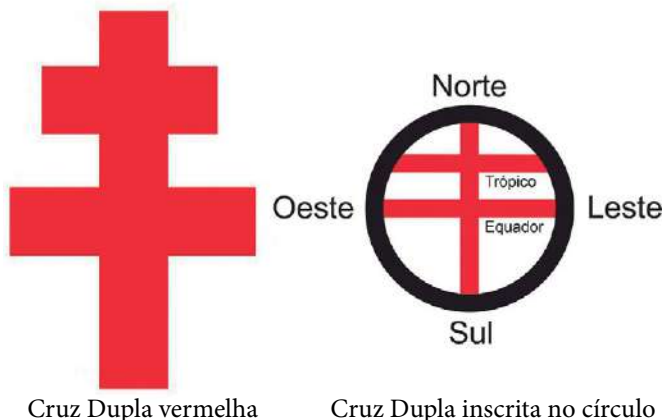
Desde essa época, a cruz dupla aparece nas armas das cidades que pretendem demonstrar o seu apoio à Lorena. Ela também servira como símbolos dos restabelecimentos católicos durante as guerras religiosas.

Nas batalhas, simboliza a proteção divina e a luta pela manutenção da paz, culminando em um *religere*, com a lembrança de Cristo crucificado. Dessa forma, a Cruz de Lorena expressa, na sua constituição simbólica, a iniciação como um processo de regeneração de um estado humano, instintivo, desordenado

e material para um estado de consciência ordenado e espiritual, conduzindo os que desejam prosseguir no caminho da regeneração. Sua simbologia tem grande ligação com os ideais de Cavalaria Espiritual, que a usou como símbolo principal, cuja função era de trazer o fortalecimento do Eu superior.

Na cor vermelha, representa o fogo, o calor, a intensidade e a ação, tanto nas doutrinas herméticas como nas muçulmanas. Assim, a cor vermelha simboliza também o sangue, em memória a união com o corpo de Cristo e ao simbolismo de seu martírio.

Inscrita em um círculo, a cruz dupla, em sua constituição, estabelece com o seu eixo vertical um meridiano que separa o Norte e o Sul. A barra horizontal mais curta é um trópico, que limita o solstício de verão; e a mais longa é o Equador, que representa o equinócio, simbolizando o conjunto o percurso do Sol em um dos hemisférios. O círculo evoca o simbolismo da representação da Divindade Absoluta.



Cruz Dupla vermelha

Cruz Dupla inscrita no círculo

Introdução maçônica

Apesar de estar normalmente relacionada aos valores e artefatos cristãos, há diversos símbolos em forma de cruz vinculados a Graus diversos, de vários ritos maçônicos.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, a Cruz de Lorena é usada junto ao *ne varietur* dos Inspectores Gerais da Ordem, Grau 33. Também é encontrada nas Ordens Colaterais, como a Ordem dos Cavaleiros Templários, bem como a Ordem dos Sacerdotes Cavaleiros Templários do Sagrado Arco Real e Ordem da Sagra-

da Sabedoria (KTP).

Na época dos Grandes Comendadores do Templo dos Cavaleiros Templários, um grande número de ocidentais e orientais iniciou-se em seitas filosóficas ou religiosas que se perpetuaram no Oriente desde a antiguidade. Formaram-se então associações, tendo a pretensão de conservar as doutrinas secretas e os símbolos dessas ordens, bem como valores morais e éticos. Preservando esses símbolos, a Maçonaria lembra a Cruz de Lorena que nasce do cruzamento do fio prumo com o nível, símbolo do equilíbrio da inteligência com o amor. Nessa cruz, os quadrantes do mundo estão inscritos na circunferência do planeta, traçados por um compasso, lembrando o maçom do emblema da medida e da justiça. Portanto, somente a partir da harmonia de um ponto central, onde não há dualidade e onde se apoia o compasso, é que se começa a traçar a Cruz de Lorena. Dada a importância dessa cruz na história da humanidade é que a Maçonaria preserva-a em seus Altos Graus. ◆

BIBLIOGRAFIA

- ASLAN, Nicola. *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Editora A Trolha, 2ª Edição, Londrina, 2000.
- BAIGENT, Michael; e LEIGH, Richard. *O Templo e a Loja*. Madras, 1ª Edição, 2005.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. Editora José Olympio, 22ª Edição, 2008.
- CHILDRESS, David H. *Os Piratas e a Frota Templária Perdida*. Madras, 1ª Edição, 2006.
- DAFOE, Stephen. *O Compasso e a Cruz*. Editora Madras, 1ª Edição, 2009.
- FIGUEIREDO, Joaquim G. *Dicionário de Maçonaria*. Pensamento, São Paulo, 1997.
- LOCK, Peter; e TSOUGARAKIS, Nickiphoros I. *A Companion to Latin Greece*. Editora Brill, 2014.
- MATHIAS, Herculano G. *História do Brasil*. Bloch, 1ª Edição, 1976.
- MONTAGNAC, Élise. *História dos Cavaleiros Templários*. Madras, 1ª Edição, 2005.
- PERISANIDI, Maroula. *Clerical Continence in twelfth-century England and Byzantium*. Editora Routledge, 2018.
- READ, Piers P. *Os Templários*. Editora Imago, 1ª Edição, 2001.
- SILVA, Pedro. *Os Templários e o Brasil*. Editora Flâmula, 1ª Edição, 2005.
- _____. *Símbolos e Mitos Templários*. Editora Centauro, 1ª Edição, 2006.
- VAISSIER, Michel. *Anjou Terre Secrète du Graal?*. Editions Cheminements, 1999.
- *Mestre Maçom – Ritual e Simbolismo, Rito Escocês Antigo e Aceito*, Glesp.
 - *Bíblia Evangélica – Sociedade Bíblica do Brasil*, Trad. João Ferreira de Almeida.
 - *Cruz de Caravaca*. Editora Pensamento, São Paulo, 2006.
 - *La Croix de Lorraine*. Artigo. In *Cercle Généalogique de Vincey et du Bailliage d'Epinal*. Disponível em: <https://bit.ly/3aXyBu6>. Acesso em 15/04/2020.
 - *Origem da Cruz Missioneira*. Artigo. In *Portal das Missões*. Disponível em: <https://bit.ly/2SezCXU>. Acesso em 15/04/2020.

Mensagem aos novos

VENERÁVEIS MESTRES

Irmão Valdemar Sansão

Loja Prof. Raimundo Rodrigues, 726 – Oriente de São Paulo

*O Venerável Mestre ideal
não vive preso ao passado,
mas escreve, ou ajuda a escrever,
uma bela página da Maçonaria presente.*

Se não pudermos transformar a humanidade, torná-la feliz, transformemos, pelo menos, nossas lojas. E um dos caminhos por nós imaginados passa pela figura do Venerável Mestre. Poderíamos dizer que é muito pouco, mas se pudéssemos ter em cada uma das lojas um Venerável Mestre preparado, cômico de sua responsabilidade, apto a propiciar ao iniciando – se não ao quadro como um todo – o caminho que leva à verdadeira determinante maçônica, não veríamos, hoje, tantos torneios para melhorar a motivação e a frequência.

Caro irmão, cremos que se faz o momento de criar meios para que nossos futuros Veneráveis encontrem-se aptos e preparados, antes de eleitos, para dirigirem as lojas. Quanto a esses meios, pouco importam seus nomes, se escola, curso ou seminário, mas sim, que neles se discutam exaustivamente seus objetivos e a forma de alcançá-los.

Ao final de mais um Veneralato, passamos a refletir sobre nossos atos e analisar o que poderíamos ter feito de certo ou errado para ter tornado melhor a fase passada. Erros e acertos fazem parte da história da oficina, e essa história será contada através das gerações para cada neófito em nossa Ordem. As lições são muitas, e sábio é aquele que consegue enxergá-las como aprendizado em vez de barreiras e dificuldades.



Os obstáculos iniciais preocupam, mas podem ser superados. Conquistamos novos amigos e vemos alguns desertarem; vemos que a maioria dos projetos é realizada apesar das dificuldades.

Muitas vezes sorrimos, quando a vontade é esbravejar; nos amarguramos quando algum irmão sofre e convivemos com a alegria dos irmãos; vemos o número de obreiros do quadro aumentando; vemos que valem os sacrifícios pessoal, familiar e social em favor da loja e da Ordem; passamos ao substituto o Primeiro Malhete, com os mesmos ideais e todos temos a consciência do dever cumprido.

Pelas observações recolhidas ao longo de dois veneratos, acabamos por entender alguns problemas que afetam a existência de uma loja maçônica e suscitamos alternativas de soluções, objetivando, assim, repassar nossa experiência para ser utilizada pelos novos Veneráveis Mestres.

O Venerável Mestre ideal

Para ser Venerável Mestre de uma loja, o Mestre Maçom, regularmente iniciado, elevado e exaltado, deve: 1) possuir reputação ilibada; 2) ser sincero, leal e verdadeiro; 3) ser afável no trato inabalável; 4) ser intransigente em seus princípios; 5) ser amante da sabedoria; 6) ser versado na nobre ciência da Arte Real; 7) ter sido legalmente eleito pelos Mestres Maçons de sua loja.

Os irmãos que dão excessiva importância à antiguidade devem lembrar-se que ela não é mérito – é apenas uma consequência. A antiguidade só deve ser valorizada se acompanhada do mérito maçônico.

Eleito Venerável Mestre de sua loja, deverá o irmão passar pela Cerimônia de Instalação, que será única, ainda que o irmão venha, por mais de uma vez, exercer o Veneralato de qualquer loja maçônica.

O progresso dentro da Maçonaria exige a passagem por tantas outras cerimônias de admissão de graus, mas uma cerimônia que está acima da concessão de qualquer grau e a mais sublime de todas elas é a Cerimônia de Instalação.

O Mestre Maçom, na sua Instalação, recebe a sagração e com ela a sublime incumbência de executar a lei do Grande Arquiteto do Universo, isto é, a Lei Natural (*lex naturae*, ou a lei da natureza, definida como sendo a vontade de Deus com relação às ações humanas baseadas nas diferenças morais das coisas; e porque se descobre por uma luz natural como sendo obrigatória para a humanidade). Esta é a “lei moral”, a lei da Maçonaria. E foi elaborada com muita prudência, pois é evidente que não existe lei universal mais apropriadamente escolhida para o governo de uma instituição cuja característica proeminente é a sua “universalidade”.

Esse Mestre deve ser o exemplo da conduta moral e espiritual de uma comunidade maçônica, pois esse é o seu destino, assumido de livre e espontânea vontade.

Nas lojas maçônicas, a liderança do Venerável Mestre é de fundamental importância, até porque cada maçom em parti-

cular se considera um líder. É bem por isso que consideramos o Veneralato uma das funções mais difíceis. Não lhe cabe impor normas; faz respeitá-las sem que ninguém sinta. Sua missão é sempre impessoal, e ele não se impõe pela força. É apenas o condutor dos trabalhos. No apoio ou oposição que recebe é que se pode medir o valor do líder. O homem se mantém e cresce na proporção da força do apoio de seus irmãos.

O Venerável Mestre bem sucedido não é aquele que sempre resolve os problemas que ocorrem em sua loja, mas sim, aquele cujos problemas nunca ocorrem em sua loja. Ele aprende, em sua gestão, que a responsabilidade deve ser dividida entre todos os obreiros da loja, a qual, pela glória do Grande Arquiteto do Universo, é templo eterno, muito além dos homens. Os irmãos escolhidos para os cargos assumem, acima de tudo, a confiança neles depositada. O trabalho exige muito discernimento, coragem, tolerância, responsabilidade.

Para administrar uma loja maçônica é mister a observância de normas e práticas eficientes, sedimentadas através dos tempos, via *Landmarks*, *Old Charges* e outras antigas Constituições. A Constituição e Regulamento Geral da Obediência se prestam, atualizada e adequadamente, a corrigir os erros e desmandos que distinguem liderança e autoritarismo, com suas distintas concepções.

A sua autoridade é, portanto, respaldada em estatutos que lhe dão poderes especiais, como, por exemplo, a inatacabilidade, porém, a principal condição que dá o respeito à sua investidura é o preenchimento de todos os requisitos já aludidos. A sua autoridade é inata.

Se não for possível ao irmão ter certeza de possuir os pré-requisitos ou, ainda, as qualidades de um Mestre Instalado, não deve aceitar o Primeiro Malhete da oficina. Só depois de passar pelo ritual de Instalação é que o Venerável Mestre eleito pode se considerar empossado, empossar os membros de sua administração e entrar na plenitude de seus direitos exclusivos, entre os quais se inclui o de sagrar, no sentido de conferir a dignidade do grau e não no sentido de divinizar ou santificar, os candidatos, nas sessões de Iniciação, Elevação ao 2º Grau e Exaltação.

Sem dúvida, a Instalação de um Mestre Maçom é, portanto, um momento ritualisticamente denso na medida em que empresta, mesmo que simbolicamente, similitude com a figura de Salomão. Significa, então, que o Mestre Instalado, por força da Instalação, tornou-se simbolicamente um “Salomão” apto a dirigir a loja que o elegeu. O Venerável Mestre eleito deve analisar e entender que ele está – e não é – Venerável Mestre. É um cargo eletivo. Ele passa, será substituído, e a loja fica.

O poder, às vezes, inebria aquele que se julga tê-lo com as prerrogativas que as leis maçônicas lhe conferem. O verdadeiro poder, porém, está no coração, e não somente na razão.

Ele deverá se submeter a uma autocrítica diária e constante. Ele não poderá esquecer que é o dirigente de todos, mesmo daqueles irmãos dos quais não gosta, ou que reciprocamente não gostam dele.

O Venerato deve ser levado a sério e dividido entre todos, para que o peso dos

erros não sobrecarregue um ombro e que os acertos elevem o orgulho e a felicidade de todos.

Existem vários tipos de líder. O “Dominator”, que quer dirigir sozinho, sem consultar ninguém, sem respeitar a opinião dos demais, tomando ou manipulando todas as decisões, sendo o “dono da verdade”, é impositivo, arrogante, despótico pelo pseudopoder que detém. O “Apático” é o que deixa fazer, torna-se passivo, não assume responsabilidades, é inseguro, não sabe determinar tarefas aos seus colaboradores, causa grandes confusões e insegurança ao grupo. Existe o líder “Democrático”, que é aquele que tem a humildade de tomar suas decisões consultando os membros de sua administração, estabelecendo objetivos e metas claras na mente de todos os irmãos, sabendo tirar uma média das opiniões. Dizemos “todos os irmãos” e não ações executadas por um pequeno grupo deles. Quando dá autoridade a um dos seus auxiliares, não passa por cima dela, sabe distribuir e dividir, sabe respeitar. Sua habilidade maior não está em ditar ordens, mas sim, em educar, respeitar, estimular e dirigir, de tal maneira que ele acaba conseguindo a colaboração voluntária dos obreiros. Esse é o tipo do verdadeiro Venerável Mestre que a Maçonaria necessita e que sabemos existirem muitos com essas qualidades.

Cabe nesse momento a reflexão sobre as atividades e procedimentos do nosso candidato ao cargo de Guia da Fraternidade. Estará ele seguindo e cumprindo a Lei Natural? É ele o instrumento da Verdade?

Procede como um real construtor da sociedade ideal? Conhece os limites de suas forças ou de suas fraquezas? Compreende e vive o postulado maçônico? Tem produzido bons frutos em sua oficina, na sociedade em que vive?

Foi pensando em nossa loja e na Maçonaria do futuro que formulamos essas tantas indagações.

Nessa “troca de experiências”, constatamos que as dificuldades existem, mas a orientação também, bem mais abrangente. Buscando a teoria, elaborada com o caráter revelador da Maçonaria, encontraremos as respostas que procuramos. Basta colocarmos cada coisa em seu lugar, com o devido embasamento fornecido pela própria Ordem, onde estão presentes o amor, a disciplina e o convite ao bem.

Concluindo, diríamos que somente seremos fortes, individual e coletivamente, no dia em que conhecermos nossas fraquezas e nos dispusermos ao trabalho efetivo do Mestre Instalado. ◆

A PURIFICAÇÃO DO SER



Irmão Antonio Carlos G. Fernandes
Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439
Oriente de Mogi das Cruzes

“Ah, quem me dera asas como de uma pomba! Voaria, e estaria em descanso. Eis que fugiria para longe e pernoitaria no deserto.”

(Salmos 55:6,7)

Nós, seres humanos, habitantes deste minúsculo planeta Terra, estamos quase sempre mergulhados num emaranhado de pensamentos vibratórios não éticos, que nos agita como num liquidificador, como se estivéssemos sendo puxados para baixo. Lá em cima, a Sabedoria, a Paz, a Pureza Original nos parecem muito distantes.

Nesse mundo capitalista, egoísta e consumista, somos quase sempre levados a participar dessa imensa confusão. Temos, invariavelmente, que competir e “abrir” o nosso espaço, isso se quisermos sobreviver. Em alguns momentos, somos caça, em outros, caçador. Por mais que lutemos, sentimos que estamos constantemente em estado de vigia, ou seja, de luta. Perdemos algumas vezes, é verdade, a consciência com Ele, nosso Grande Arquiteto do Universo, e chegamos a acreditar que a Terra é um mundo à parte, desligado do Todo, como se fosse um reino independente. Entretanto, parece que justamente é nos momentos de pausa, às vezes de perda, de sofrimento (de um casamento desfeito, de um ente querido que está prestes a partir), é que o homem se coloca numa atitude de reflexão e se lembra de conversar consigo mesmo, com o seu Eu interior, enfim, com o Deus que habita em cada ser.

Porém, parece ser isso que inspirou Davi no seu Salmo 55, quando, num momento de profunda angústia, entrega ao Grande Arquiteto do Universo a carga de seu sofrimento. Nos versículos 6 e 7, Davi retrata em poucas palavras a verdadeira conduta do místico, que é a introspeção, com a certeza de que o Deus do nosso *Sanctum Santorum* (coração) é o único e verdadeiro refúgio.

Creio, portanto, que não são apenas os bons momentos que devemos agradecer. São igualmente benditos os momentos de dificuldade, de desafio e instabilidade emocional e/ou mental, se eles nos conduzem à senda de pensar com o coração. Essa dualidade na vida é a sagrada balança que nos embala num dinâmico movimento de ora ganhar, ora perder, ora atacar, ora recuar, ora caminhar, ora voar.

Somos, invariavelmente, convidados a assistir e participar da grandeza do Plano do Criador que equilibra tudo e está em tudo, por mais distante que nossa pequenina compreensão possa entender o que é distância. Somos parte de uma grande Unidade, e o nosso maior desafio é tomar consciência disso.

A dialética platônica

O grande filósofo Platão (427 – 347? a.C.) acreditava que o Universo, ou tudo que existia, estava dividido em duas partes: o mundo dos sentidos e o mundo das ideias. No mundo dos sentidos só se podia ter conhecimento aproximado das coisas, porque tudo estava mudando constantemente, a cada minuto, a cada segundo (Será que ele já tinha conhecimento da física/química, que toda matéria possui partículas,

com seus átomos, prótons, elétrons, neutrinos etc. em constante movimento?). Que tudo ‘fluía’, tudo era transitório. Nosso corpo não é o mesmo que era sete anos atrás, nós mudamos. Nosso corpo não era o mesmo de sete horas atrás. Nosso sangue mudou completamente nesse breve espaço de tempo: novos alimentos, nova digestão e novo sangue.

Num espaço de sete horas, ficamos completamente diferentes. Podemos não perceber essa sutil mudança silenciosa, mas ela está acontecendo ininterruptamente dentro de nós. Segundo Platão, nunca poderíamos conhecer algo que se transforma



constantemente. O mundo material se assemelha, portanto, a uma bolha de sabão. É transitório, irreal e ilusório.

Quanto ao mundo das ideias (que alguns também chamam de Mundo dos Arquétipos), lá sim havia um mundo imutável. Lá estavam contidas todas as ideias, toda a criação e nossa alma residia lá nesse mundo superior; e “dentro da alma é que se encontravam a verdadeira razão e a verdade. Quando uma alma descia e encarnava num corpo mortal, esquecia desse mundo das ideias perfeitas”, dizia Platão. Perdia essa memória. Com o decorrer da vida, uma vaga lembrança ia emergindo lentamente dentro do homem, e com isso surgiam ao mesmo tempo um anseio, uma saudade e uma vontade de retornar à morada da alma. Essa saudade da sua verdadeira casa Platão chamou de Eros, que significa Amor.

O ser humano que experimentava essa sensação, esse anseio amoroso pelo Grande Arquiteto do Universo, essa vontade de retornar ao Pai, passava a ver o corpo e tudo que era sensorial como supérfluo e imperfeito.

Platão encaixou o corpo do homem nessa divisão. Sua cabeça seria o mundo das ideias e o abdômen seria os sentidos. Nessa divisão simbólica, o peito seria uma fase intermediária entre os dois mundos, ou seja:

Cabeça (Razão) – deve aspirar à Sabedoria;

Peito (Vontade) – deve mostrar Coragem;

Abdômen (Desejo ou Prazer) – deve ser controlado.

O caminho do filósofo ou do místico seria esse: passar pelas três etapas evolutivas, alcançando o mundo das ideias reais. Portanto, alcançar o objetivo mais puro do homem.

Pureza: definição e simbolismo

Se procurarmos no dicionário, verificaremos

que existem muitas definições para a palavra “Pureza”: qualidade do que é puro, castidade, limpeza, claridade, inocência, perfeição, limpidez, sinceridade. Dentre essas definições, a sinceridade parece ser a que mais se enquadra com a divisão de Platão.

É preciso ter coragem para se manter sincero, fiel ao propósito de alcançar a sabedoria, porque não é fácil. No decorrer do nosso “voo” da vida, somos tentados a todas as formas de pousar em atalhos, acontecimentos que nos parecem importantes e nos afastam invariavelmente de nosso principal objetivo. É como se tivéssemos dentro de nós duas forças contrárias agindo sem parar. A vida nos submete a inúmeras situações, como a famosa Caixa de Pandora de outrora, testando nosso crescimento, nosso aprendizado e fortalecimento da nossa vontade. É dessa maneira que nossos Mestres ensinam, mas a decisão final de como se sair em cada situação é nossa.

As diferentes escolas iniciáticas utilizam inúmeros símbolos para representar esse processo de purificação e ajudar o estudante a aceitar e entender esses desafios: subir a montanha, a escada em caracol, a árvore, introverter o pensamento para meditação. Essa viagem acontece ao mesmo tempo para cima e para dentro de nós, numa misteriosa unidade.

O cristianismo se utilizou do simbolismo do Purgatório como um local intermediário entre o Céu e o Inferno para o homem se purificar e depois entrar no Paraíso. O ato simbólico de subir as escadas nada mais é do que nossa decisão de submetermo-nos a um processo assim, para livrarmo-nos de possíveis culpas em nossas consciências e corrigirmos nossos hábitos. Pense nisso! ◆





O poder da interpretação e o **SEGREDO MAÇÔNICO**

Irmão Antonio De Martino
*Loja Fraternidade Alphaville, 396
Oriente de Santana de Parnaíba*

Somos diferentes, por isso somos indivíduos. Dificilmente encontramos dois indivíduos que enxerguem o mundo da mesma forma: parecido, semelhante, pode até ser, mas igual... Esse fato é um indicativo das diferentes formas de pensar e de agir dos seres humanos.

Diversos são os fatores que influem em nossa interpretação, tais como cultura, educação e evolução da consciência, entre outros. Os grandes filósofos e profetas têm suas palavras dificilmente compreendidas, geralmente distorcidas e mal interpretadas.

Quando garoto, ouvi, ou li, um pensamento bíblico que dizia: “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus” (Jesus).

De imediato, comecei a ver os ricos como futuros moradores do inferno e a riqueza como sendo algo maléfico e demoníaco. Com o passar do tempo e crescimento do meu entendimento espiritual através dos estudos, minha interpretação mudou totalmente, e entendi que o dinheiro facilita tanto a vida do indivíduo, pavimentando seu caminho com facilidades, bajulações, poderosos advogados, disponibilidade de grandes hospitais e médicos, luxo, conforto, prazeres mil, tudo enfim que o dinheiro pode proporcionar, que ele não tem de temer a solidão, nem a prisão, tampouco a doença, pois em tudo será socorrido, curado, absolvido.

Com o pobre, infelizmente, tudo é difícil e complicado. Se ele e sua família adoecerem, irão sofrer com pouca e limitada assistência médica ou de bons remédios, constantemente poderão ser abandonados por falta de amigos e outros interesses, e se fraudarem a lei, serão imperdoavelmente jogados no cárcere por falta de nobres e influentes advogados que possam defendê-los.

Como consequência natural, o rico tende a desenvolver a arrogância, a soberbia, a vaidade, o orgulho, rindo da lei e ignorando a Deus.

O pobre, entretanto, aprende a desenvolver a humildade, a caridade, o amor ao próximo, e, na sua impotência, conscientiza-se que somente tem a Deus para socorrê-lo.

O desafio do rico, portanto, perante seu monstro interno, é muito maior do que o do pobre, pois, nas facilidades e no ócio, fácil é ser dominado pelos vícios, enquanto nas dificuldades, a tendência é desenvolver virtudes.

Digo isso de uma forma genérica, mas é claro que existem as exceções em ambos os casos. Refiro-me apenas às lições que a vida nos prepara.

Somos todos iguais, pobres e ricos, mas com diferentes lições de vida.

Assim, consegui entender o significado das palavras do Cristo e que a riqueza pode levar o rico ao Céu, desde que ele utilize seus recursos com caridade, compaixão e altruísmo. Por outro lado, se o pobre resolver revoltar-se e tentar conseguir as coisas com violência, terá sido reprovado em seu desafio de vida.

Talvez, a extrema riqueza e a extrema pobreza sejam os derradeiros testes para saber se o indivíduo está espiritualmente evoluído para passar pelo “buraco da agulha”.

Todas as frases e pensamentos filosóficos têm um alto conteúdo esotérico, compreendido por cada um de uma forma individual, de acordo com sua consciência mais ou menos expandida.

Costuma-se dizer que a Bíblia tem sete significados, cada um mais profundo do que o outro. Aliás, o sete também tem um significado esotérico.

As instruções maçônicas também possuem um profundo significado esotérico, alcançado pelos irmãos de uma forma pessoal e única. Quanto mais subimos nos Graus Maçônicos, mais esoterismo encontramos. No Filosófico e nos Graus Adicionais ao Terceiro, é comum encontrar irmãos que reclamam nada entender, entretanto, melhoram a compreensão pela frequência e pelo estudo. A compreensão do oculto e do esotérico não surge facilmente, mas com muito estudo e meditação.

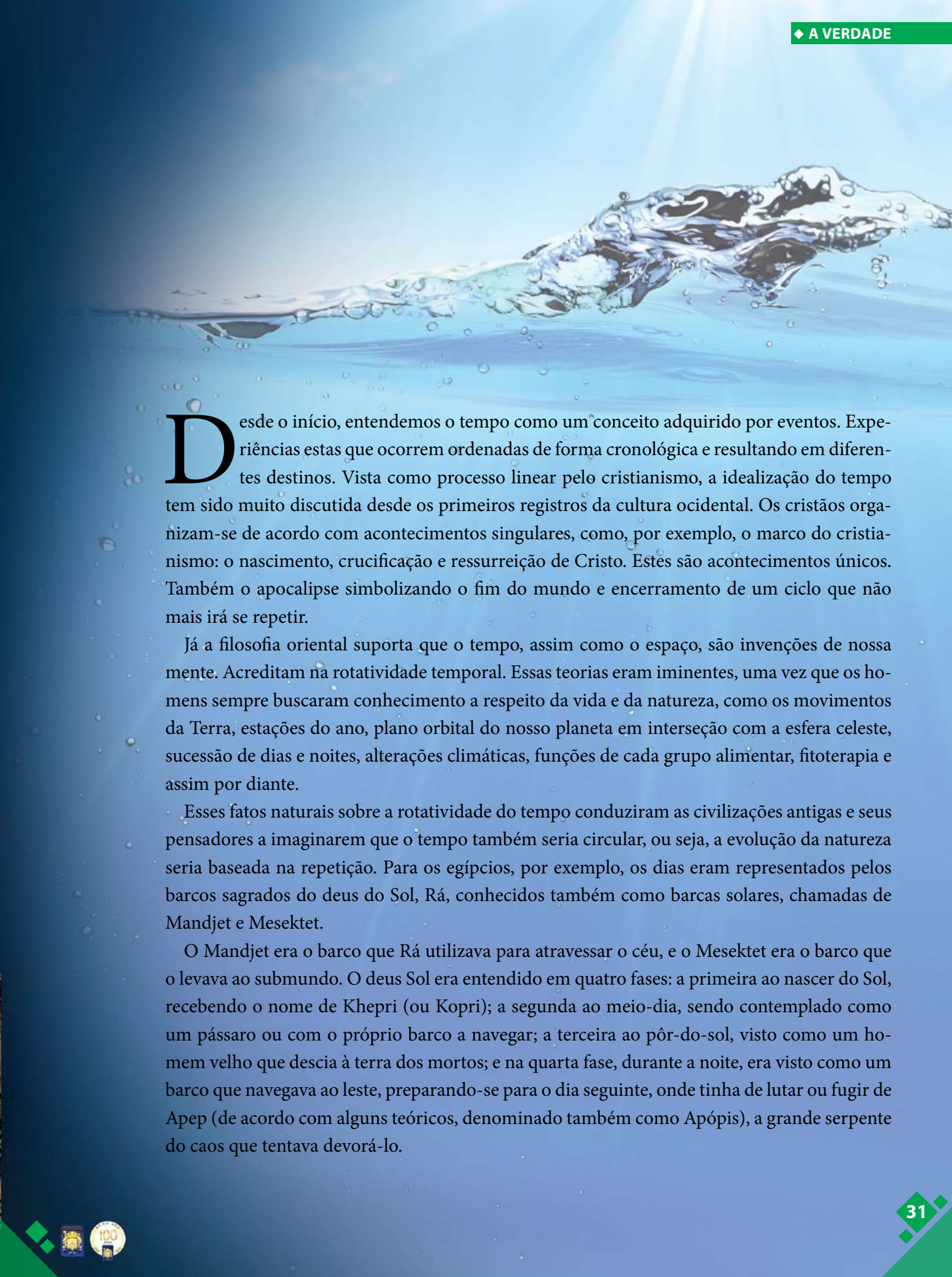
Assim, podemos dizer que cada irmão tem uma iluminação interna, pessoal, e que, mesmo que queira, não consegue transmitir aos demais irmãos, porque é formada por luz e sensação.

São conhecimentos inefáveis. Ninguém nunca saberá exatamente o que se passa em sua alma, o que ele vislumbrou e sentiu. É pessoal e interno. É o verdadeiro e inviolável Segredo Maçônico. ◆

© TEMPO

Irmão Marcos Antonio Xavier Filho
Loja Cavaleiros do Hermon, 335 – Oriente de São Paulo





Desde o início, entendemos o tempo como um conceito adquirido por eventos. Experiências estas que ocorrem ordenadas de forma cronológica e resultando em diferentes destinos. Vista como processo linear pelo cristianismo, a idealização do tempo tem sido muito discutida desde os primeiros registros da cultura ocidental. Os cristãos organizam-se de acordo com acontecimentos singulares, como, por exemplo, o marco do cristianismo: o nascimento, crucificação e ressurreição de Cristo. Estes são acontecimentos únicos. Também o apocalipse simbolizando o fim do mundo e encerramento de um ciclo que não mais irá se repetir.

Já a filosofia oriental suporta que o tempo, assim como o espaço, são invenções de nossa mente. Acreditam na rotatividade temporal. Essas teorias eram iminentes, uma vez que os homens sempre buscaram conhecimento a respeito da vida e da natureza, como os movimentos da Terra, estações do ano, plano orbital do nosso planeta em interseção com a esfera celeste, sucessão de dias e noites, alterações climáticas, funções de cada grupo alimentar, fitoterapia e assim por diante.

Esses fatos naturais sobre a rotatividade do tempo conduziram as civilizações antigas e seus pensadores a imaginarem que o tempo também seria circular, ou seja, a evolução da natureza seria baseada na repetição. Para os egípcios, por exemplo, os dias eram representados pelos barcos sagrados do deus do Sol, Rá, conhecidos também como barcas solares, chamadas de Mandjet e Mesektet.

O Mandjet era o barco que Rá utilizava para atravessar o céu, e o Mesektet era o barco que o levava ao submundo. O deus Sol era entendido em quatro fases: a primeira ao nascer do Sol, recebendo o nome de Khepri (ou Kopri); a segunda ao meio-dia, sendo contemplado como um pássaro ou com o próprio barco a navegar; a terceira ao pôr-do-sol, visto como um homem velho que descia à terra dos mortos; e na quarta fase, durante a noite, era visto como um barco que navegava ao leste, preparando-se para o dia seguinte, onde tinha de lutar ou fugir de Apep (de acordo com alguns teóricos, denominado também como Apópolis), a grande serpente do caos que tentava devorá-lo.

A ideia de um tempo progressivo, sempre novo, e a ideia de que o tempo é cíclico, marcado pela transformação, são discutidas não somente na filosofia. Este é um assunto também recorrente na literatura.

Considerando que tanto a literatura quanto a filosofia têm o papel de questionar tudo o que vivenciamos como um padrão, então, qual é a perspectiva da literatura a respeito do tempo?

Heráclito de Éfeso faz a seguinte citação a respeito do tempo: “O tempo é uma criança que brinca, movendo as pedras para lá e para cá; governo de criança”. Para Heráclito, o tempo não segue uma sequência de acontecimentos, é totalmente casual como o jogar de dados por uma criança. E analisando a questão das mudanças que o tempo nos proporciona, há uma outra frase de Heráclito que diz: “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”.

A analogia feita por Heráclito utiliza o rio porque, em alguns momentos, se olharmos de longe, ele parece estar estagnado, mas quando nos aproximamos, somos testemunhas do deslocamento incessante das águas. Na Maçonaria, sabemos que não é só ele que muda. Nós também mudamos. Na segunda vez em que entramos, tanto nós quanto o rio somos outros, buscamos conhecimento e aperfeiçoamento, buscamos sempre aparar as arestas de nossa pedra bruta.

Borges, em *A Arte Poética*, diz:

“Fitar o rio feito de tempo e água
e recordar que o tempo é outro rio,
saber que nos perdemos como o rio
E que os rostos passam como a água”.

“Rio feito de tempo e água”. Nessa afirmação, rio não é constituído somente por água; na fluidez da água também existe fluidez do tempo, diferenciada apenas na frequência vibracional de suas partículas, se olharmos mais de perto. Então um tempo não é apenas uma sequência de eventos ou momentos, mas um marco dos momentos que se passam. O tempo é outro rio, e flui por si, sem ser sustentado nem fundado: atua por si só. Atua e deixa marcas em toda a humanidade. “E que os rostos passam como a água.”

Voltando ao pensamento de Heráclito, há base dentro da doutrina do eterno retorno, e isso porque na perspectiva de Nietzsche tudo é um eterno fluir e um passar incessante de todas as coisas numa eterna circularidade. Não há início, meio ou fim, mas as eternas mudanças. Para ele, assim como para o niilismo, o mundo não tende a um fim, não tende a um propósito.

Através de outra abordagem diferente da filosofia, mas acrescentando seu sentido à concepção de tempo pela literatura, também pode ser vista como forma de contestação ao padrão ocidental de estudos filosóficos acerca dos fins, propósitos, objetivos e finalidades.

Apesar de ser impossível afirmar o que é o tempo definitivamente, a literatura representa nossa experiência do tempo grafado na história em todo seu dinamismo. Torna conceitos filosóficos mais acessíveis e palpáveis. Enquanto a filosofia teoriza sobre, a literatura tem a liberdade de utilizar seus conceitos e teorias nas construções de histórias poéticas

e singulares sobre o tema, como Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, ou contestar através da própria estrutura narrativa.

Em Borges, por exemplo, não há início, meio ou fim. A estrutura narrativa de Borges apresenta uma ideia de forma não ortodoxa e fragmentada. Vai de encontro ao encadeamento de ideias que seguem se desenvolvendo e combinando em um modelo tradicional.

Em *Grandes Sertões Veredas*, de forma criativa e poética, Guimarães Rosa trabalha com esse questionamento sobre o tempo e mudanças propostas por Heráclito. Não só as mudanças em si, mas seus efeitos nos homens. A obra de Guimarães Rosa representa a filosofia e seus conceitos.

“O mais importante e bonito do mundo é isso

Que as pessoas não são sempre iguais

Ainda não foram terminadas

Mas que elas vão sempre mudando

Afinam ou desafinam

Verdades maiores é o que a vida me ensinou.”

Pelos fragmentos deixados por Heráclito e nessa obra de Guimarães Rosa, percebe-se que filosofia e literatura complementam-se e se enriquecem. Estão entranhadas no papel de questionar, indagar o que é dito como padrão, papel esse que também tem o maçom.

O conceito do tempo pode ser multidimensional, cheio de significados, tão amplo que a realidade difere a cada ponto de vista, mas nenhum destes conceitos de tempo invalidam o nosso tempo cronológico em si, mas sim o abarcam e transcendem.

Lembrando-nos sempre que precisamos dividir nosso tempo com sabedoria, buscando o momento certo para semear e colher, para trabalhar e descansar, assim como também o momento certo de agir e de se abster.

Devemos utilizar todas as ferramentas que estejam ou que temos disponíveis ao nosso alcance, se assim necessário para nossa evolução, e não podemos esquecer que a duração do tempo é um estado que nenhum obstáculo poderá esgotar os movimentos. Não é uma mera condição de repouso, pois uma pequena imobilidade significa também um retrocesso, uma vez que as águas do rio não esperarão por você. O tempo é o movimento de uma totalidade, organizado por nossas ações e completo em si mesmo. Esses movimentos cíclicos ou contínuos se realizam segundo a lei que dita que a cada término dá-se lugar a um novo começo. O objetivo é sempre atingido por uma direção interna: a inspiração, a sístole, a contração, o V.I.T.R.I.O.L. Esse movimento se transforma num novo começo, tomando a direção externa: a expiração, a diástole, a expansão e, por fim, as nossas ações. ◆

Fontes de consulta:

- <https://bit.ly/3iq2zJR>
- <https://antigoegito.org/a-barca-de-ra/>
- <https://bit.ly/3hPU3EX>
- <https://www.infoescola.com/civilizacao-egipcia/ra/>
- <https://bit.ly/3rihDgQ>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apep>



Quid est veritas?

Irmão Maxwell José da Silva

Loja Prudência e Justiça, 878 - Oriente de São José do Rio Preto

Essa pergunta tem inquietado a humanidade há muito tempo. Para nós, do ocidente, o conceito de verdade chegou-nos através de três raízes etimológicas:

1) A primeira delas é a palavra *veritas*, do latim, que corresponde a precisão, a rigor e a exatidão de um relato, possuindo uma acepção ligada à linguagem ou à narrativa;

2) A segunda acepção vem da palavra grega *Aletheia*, que corresponde a não oculto, não escondido, não dissimulado, a verdade que se manifesta, aquilo que existe tal como é. No grego, se opunha a palavra pseudo (falso);

3) A terceira acepção vem do hebraico *Emunah*, correspondente à confiança, ligada à expressão “deus verdadeiro”, “amigo verdadeiro”, “aquele que cumpre com as promessas”, enfim, que não trai a confiança.

Assim, parece-nos que o aspecto tempo é o fator di-

ferenciado dos três conceitos, podendo-se dizer que:

- 1) *Aletheia* se refere a como as coisas são;
- 2) *Veritas*, a como as coisas foram; e
- 3) *Emunah*, a como as coisas serão.

Normalmente, as pessoas podem ter algumas atitudes em relação à verdade. A primeira delas é o ceticismo, que corresponde às pessoas que afirmam ser impossível saber a verdade. O cético pensa que não há nada verdadeiro ou falso, ou que tudo é igualmente verdadeiro ou falso e que somos incapazes de saber o que é verdadeiro ou falso.

A melhor resposta foi dada por Freud: “Se o que acreditamos realmente fosse de fato indiferente, talvez pudéssemos construir nossas pontes com papelão em vez de pedras, ou talvez pudéssemos ejetar 100mg de morfina em um paciente em vez de 10mg, ou talvez pudéssemos usar gás lacrimogênio como sonífero em vez de éter”.

A segunda atitude é o relativismo, visão segundo a qual algumas coisas que são verdadeiras para você são falsas para mim e aquilo que seja verdadeiro para mim é falso para você.

Oposta a essa visão, há os que preconizam que a verdade é objetiva, que é absoluta e imutável, sempre, em todo lugar e para todos os homens.

A terceira atitude é a pragmática, a qual defende que a verdade consiste naquelas ideias que comportam consequências práticas, que a verdade consiste naquilo que funciona, ou seja, verdade é o que funciona segundo a forma do nosso pensamento.

O problema está em diferenciar a verdade universal de uma verdade em caso particular.

No caso em particular, a primeira questão que encontramos é o da mentira. Assim, poderíamos definir como verdade aquilo que não é mentira.

Todos sabemos como mentir e todos sabemos a diferença entre mentir e contar a verdade no caso concreto: basta a substituição do “é” pelo “não é” ou do “não é” pelo “é”. Assim, para dizer a verdade, devemos alcançar uma correspondência entre nossas palavras, nosso discurso e o nosso pensamento.

Falamos verdadeiramente quando o nosso discurso corresponde àquilo que pensamos; por outro lado, a comunicação verdadeira ocorre entre duas pessoas quando, ao utilizarem palavras, suas duas mentes estão em harmonia entre si, dando a cada palavra a mesma acepção.

O segundo problema da verdade é a correspondência entre a mente e a realidade, exemplificado pela alegoria da caverna de Platão, uma vez que não é possível o conhecimento mediato da realidade. Apenas se percebe o que é formado na mente sobre a realidade. Assim, a verdade na mente não corresponde à realidade verdadeira ou, simplesmente, à realidade.

Enquanto não temos problema algum para verificar se o nosso discurso corresponde ao nosso pensamento, não temos condições de averiguar a correspondência do que há em nossa mente com a realidade, o que pode ser formulado na seguinte pro-

posição: Como eu testo a correspondência da minha própria mente e a realidade no mundo? Isto é, como saber se aquilo que penso é verdadeiro?

Eu não tenho como fazer uma comparação direta entre as minhas afirmações e os fatos aos quais elas se referem. Portanto, não há uma maneira direta, ou mesmo indireta, de dizer que aquilo que penso, aquilo que digo, as minhas afirmações ou os meus julgamentos correspondem às coisas como elas são.

Assim, possuímos apenas uma ferramenta para aferir a correspondência entre a realidade e a nossa mente, isto é, a crença de que na realidade não existe contradição, de que as coisas, para existirem, não podem possuir contradição intrínseca.

Portanto, temos de espantar de nossa mente, seja em nossas ideias ou em nosso discurso, toda e qualquer contradição, de modo que aquilo possa corresponder à realidade.

Tendo tomado consciência das dificuldades do tema Verdade, podemos, enfim, adentrar no terceiro problema da pergunta, que possui um caráter mais esotérico e que nos é apresentado no Evangelho de São João: como compreender a verdade?

Primeiro, o apóstolo postula: E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (capítulo 8, versículo 32). Porém, bem à frente, temos Pilatos a fazer uma série de perguntas ao Cristo, uma das quais permaneceu sem resposta: “Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: tu dizes que eu sou rei. E para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Disse-lhe Pilatos: O que é a verdade (*Quid est Veritas*)?”

Cristo respondeu todas as perguntas de Pilatos, menos essa. Por quê?

Após pensar e investigar, temos que a melhor resposta é a proposta por Mario Ferreira dos Santos: Pilatos não era capaz de perceber-compreender a verdade. Sua alma pertencia ao mundo e um homem mundano encontra-se totalmente fechado à verdade, só merece silêncio diante dos mistérios. ◆





A trajetória de um **VERDADEIRO MAÇOM**

Irmão João Batista Pazinato Neto

Loja Pátria, Educação e Cultura, 512 – Oriente de Santana de Parnaíba

A busca pelo homem justo e perfeito na sociedade humana se justifica na medida em que todos os humanos procuram melhorar seu status moral e ético e ser um elemento que visa evoluir numa trajetória limpa e digna que o consagre como alguém que possa ter se tornado um construtor social.

Maçons iniciados que atingiram o grau de Mestre realizam essa busca. Esperam que a escolha e a indicação daquele que foi pinçado na sociedade resultem na assertiva de que o neófito encontrado possa ser – à mercê de méritos próprios e pela recepção em uma loja bem fundamentada – alguém de conteúdo ético-moral, cidadão correto, aliado das virtudes, bom marido, bom pai, bom profissional, cidadão de bem e crente em um Ser Superior.

Dá-se a Iniciação, numa cerimônia a princípio enigmática, longa e densa, em que esse neófito passa por inúmeras provas de tolerância, fé e expectativas que só serão reveladas depois de situações desconhecidas, simbólicas, que devem aguçar sua alma e espírito.

O Iniciado, ainda um neófito, agora denominado Aprendiz, é aquele que tudo observa em seu respectivo grau e defronta-se com uma ritualística rica e plena de simbolismos. Sua percepção e estudos o levarão a compreender aquilo que a Maçonaria espera dele e a contrapartida de que a Ordem possa auxiliá-lo para uma vida mais serena, consciente e de evolução, a partir de uma vida interior praticamente nova que vai exigir dele mente e coração puros, independentemente das pressões e da realidade do convívio em sociedade.

A nova convivência e a prática de seus ensinamentos certamente lhe oferecerão ferramentas para um ser pensante, equilibrado e contido, no sentido de compreender as mazelas da vida e as contradições que a vivência humana apresenta, testando-o em momentos cruciais que lhe afetem.

Na verdade, o Aprendiz é todo verdadeiro maçom que a cada instante defronta-se com um fato novo ou problema antigo em que deve ter a sabedoria para solucioná-lo, usando a lógica e a beleza, sem extrapolar na força.

Nessa fase do aprendizado, muitos dos iniciados – ou por não serem previamente bem escolhidos e preparados ou por serem desassistidos durante seu período no primeiro grau – acabam por desistir ou mesmo seguir numa trajetória indiferente ao cerne da Ordem, podendo sucumbir nos demais graus em que teriam a oportunidade de se tornar homens melhores e maçons exemplares.

Aqueles que persistiram e interessaram-se atingem o 2º Grau, com toda sua riqueza de cultura, artes e esoterismo fundado na elevação do espírito. À medida do recebimento das instruções, ocorre uma invasão sutil das sensibilidades humanas, que só na arte, na cultura e no espírito o agora Companheiro pode aumentar sua percepção da elevação da alma humana. A compreensão do processo evolutivo oferece a ele o entusiasmo de que necessita para viver seu melhor conteúdo de humanidade.

Talvez, seja esse grau o mais emocionante no sentido da busca da beleza e dos efeitos da capacidade humana de se encaminhar cada vez mais próximo ao Grande Arquiteto do Universo, pois que seu espírito estará aguçado para o homem de bem que tem consciência de sua divindade ou crença de que nasceu pela bondade e concessão do Senhor dos Mundos, como uma centelha divina que lhe oferece graciosamente oportunidades de evolução e para subir os degraus no plano superior onde haja a paz e o profundo repouso da alma.

Nesse grau, somos testados fora do ambiente do templo, nas convulsões da convivência cotidiana humana em que ocorrem os confrontos e as contradições entre o Bem e o Mal. Aqui, deve-se praticar a humanidade plena, pois que seu espírito precisa estar preparado para a compreensão do significado de tolerância e perdão que nos aproxima ainda mais do Grande Arquiteto do Universo.

Ainda na trajetória maçônica, somos exaltados ao 3º Grau, denominado de Mestre Maçom, em que pretensamente nos julgamos senhores da razão e preparados para ensinar. Na verdade, mesmo tendo cumprido os graus anteriores com a dignidade esperada, o erro vil e o comportamento inadequado podem transformar-nos num maçom pobre em espírito, isento de bondade e até despreparado para um crescimento evolutivo que nos eleve ainda mais na senda do bem.

Ser alguém exemplar é um paradigma ou desafio constante de um verdadeiro Mestre, pois os Aprendizes e Companheiros certamente o terão como modelo. Por outro lado, pode ocorrer uma acomodação natural que não o permita entender-se como alguém que já sabe tudo da Ordem, tão rica e indecifrável na sua plenitude que exige, além das atenções em sua formação, a necessidade de continuar na busca da verdade, isenta de dogmas e parâmetros estranhos a Ordem.

Os verdadeiros Mestres talvez sejam aqueles que mais necessitem aprender, já que, nessa condição, deverão ensinar e ser bons guias dos costumes elevados e no comportamento humilde, para não pretenderem estar acima de qualquer outro irmão.

O aprendizado nesses tempos de evolução ágil da tecnologia exige as atenções e a busca constante do conhecimento e a adaptação às novas exigências comportamentais e até mesmo profissionais, de modo a não deixar se extinguirem as virtudes.

Muitos irmãos, após atingirem o grau de Mestre, evoluem nos Graus de Perfeição, o que denota um sintoma positivo no sentido de fortalecerem seus conhecimentos e da evolução em que podem aproveitar toda riqueza da Sabedoria Maçônica.

Os Graus de Perfeição não devem permitir a soberba, mas sim, oferecer conteúdo de uma Ordem que busca a perfeição do homem bom, mesmo que possamos imaginar a utopia da ausência dos erros humanos.

Diríamos que a trajetória maçônica é uma obra de lapidação constante de cada ser, segundo suas falhas e qualidades inerentes a todo o ser humano, mas que teve a oportunidade de receber, numa Ordem justa e perfeita, os ingredientes desafiantes do crescimento positivo do homem.

A Maçonaria, como ordem, permite estudos e pesquisas infinitas no sentido de que cada iniciado possa subir os degraus de Jacó e, no fim de sua jornada, estar mais próximo da Verdadeira Luz emanada pelo Grande Arquiteto do Universo.

Seria uma pena que qualquer um de nós, ao frequentar a Ordem, não se apercesse da tríade Sabedoria, Força e Beleza ou mesmo o valor da máxima Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Que o coração e a mente do verdadeiro maçom possam amar, aprender, ensinar e praticar seus ensinamentos e comportamentos, mesmo em um mundo complexo e quase sempre sem a solidariedade humana ensinada em todas as religiões. ◆



A Verdade

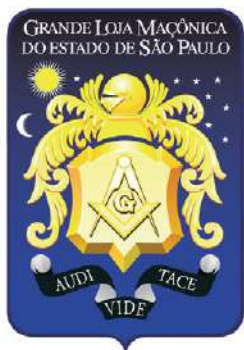
A REVISTA DO MAÇOM



R\$ 106,15

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

